

# A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI.—Número 1.644

Sábado, 5 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C  
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

O PROLETARIADO PORTUGUÊS DEVE PREPARAR-SE PARA ELEVAR A SUA VOZ DE PROTESTO CONTRA A ESPANHA OFICIAL QUE CONDENOU A' MORTE O ARTISTA REBELDE JUAN ACHERI • • •

## DUALISMO DO SR. JOAQUIM RIBEIRO

O que mais nos surpreende na deliberação do ministro da agricultura, é o facto de no ano passado, ter afirmado perentoriamente não aceitar o tipo único de pão, depois dos delegados operários que sobre o assunto o procuraram, lhe terem feito sentir que, os vários tipos de pão se prestariam a uma espécie de especulação por parte da Moagem e padaria.

O sr. Joaquim Ribeiro disse, caso isso viesse a suceder, ele se valeria da Manutenção Militar, criando um tipo de pão popular que seria adquirido por senhas, para obstar que o mesmo fosse parar às mãos de quem poderia suportar a avidez do pão.

Por estes factos nos admiramos que seja o mesmo sr. Joaquim Ribeiro, que era contrário ao tipo único, que nós perfílhamos e permanecemos, o que venha agora estabelecer.

Quedamo-nos por momentos a pensar, porque artes de berloques e berloques, isto sucede assim; e chegámos à conclusão que isto acontece porque ele é, além de lavrador, proprietário, um representante das forças vivas e não um zelador dos interesses gerais do povo.

Se assim se pode compreender que o sr. Joaquim Ribeiro, ministro da Agricultura, queira criar o novo regime de pão e nesta época. Este homem tem defendido dum formam inaudita e franca os interesses dos proprietários, dos lavradores e dos exploradores como poucos.

E este o juízo mais acertado que se pode fazer em face da sua actual atitude.

O tipo único de pão que agora quer impôr vai criar a possibilidade do seu encarecimento e pela razão seguinte: temos o pão mais barato actualmente ao preço de 1\$80, pois o tipo único fará com que ele suba de preço. O novo tipo que virá a ser manipulado e mixórdias acumuladas na moagem será pessimo, a opinião pública manifestar-se-há contra o seu mau fabrico. A resposta será como sempre: em lugar de ser melhorado, faz-se nova lei, decretando o regime de dois ou três tipos!

Ficará a população na mesma situação com a diferença e agrando que estes tipos aumentarão de preço, isto é mais caros que os actuais.

Aqui teremos, portanto, um encarecimento, que é esse o único objectivo do sr. Joaquim Ribeiro, cuja subida às cadeiras do poder sido assinalada com o favoritismo à moagem e lavoura.

\* \* \*

Até a própria época que o ministro sr. Joaquim Ribeiro escolheu as suas manobras, demonstra-nos que a sua preocupação é proporcionar, sobretudo à lavoura nacional uma base mais elevada para os cereais,—com mais alguns lucros do que no ano passado—o teem para vender. E', e porque sempre foi, esta a ocasião em que o lavrador se destaca ao resto de cereais que lhe sobejaram das semelhantes.

Já antigamente elas conseguiam vendê-las por mais alguma coisa; presentemente essa mais alguma coisa está correcta e aumentada.

E como de ano para ano o pão se vende mais caro, o lavrador que consegue vender mais caro nesta época, fica assim habilitado a elevar-lo para a próxima colheita, porque a saída está dada com a subida do preço do pão.

Eis a obra do ministro: arrancar ao povo mais uns milhares de escudos para meter na bolsa dos lavradores, moageiros e padrões.

Agora resta saber se o povo está disposto a consentir neste rubro. O mais interessante é que o sr. Joaquim Ribeiro desembolsa um cargo em nome do povo.

Portanto, o povo, tem o direito de o chamar à ordem, a ele e todos e até de os correr a pontapé.

Qual será o dia!

## ESCOLAS PRIMÁRIAS SUPERIORES

### Insistindo

Foi A Batalha um dos jornais que mais acentuadamente abraram a luta contra a extinção dos E. P. S., únicos estudos de instrução, onde os filhos dos menos abastados poderão encontrar substitutivamente os conhecimentos indispensáveis ao artífice ou agricultor que seja produzir com verdadeiro conhecimento.

Deve, pois, ela ser também um dos pontos a capitalizar... se não puder viver, como esperamos.

E sendo assim, cá estamos novamente a nosso pôsto de defesa da causa pleiteária.

Disseram os jornais de feição partidária que o sr. ministro da Instrução Pública havia nomeado uma comissão para pronunciar acerca dessas escolas.

Não sabemos quais as ideias dessa comissão, da qual fazem parte, se não somos em erro, três professores dessas escolas, que decerto tentarão defendê-las, porque defendem os seus próprios interesses e o seu brio profissional, igualmente apreciado no histórico relatório que precede o Decreto que as exigeu.

Os nossos governantes, na sua maioria em uma característica bem diferente dos governantes dos outros países industrializados.

Entre nós não se corrige nem se aperta nenhuma instituição.

Quando ela, por qualquer defeito do organismo, deixa de funcionar normalmente, em vez de se corrigir—apresentando-a—destroi-se.

E mais fácil e produz melhor efeito... Foi o que sucedeu à E. P. S.

Visto elas não funcionarem com perfeição, por virtude de algum defeito no organismo, assim fácil de corrigir, tiraram da razão com a forte da Seara naval... Parece incrível, mas é verdade.

Não contava, porém, o novel ministro com os protestos dos muitos que se puderam conformar com tamanha solução, e nem especialmente com a A Batalha, que tem por única função defender os interesses do proletariado que é, infelizmente por falta de recursos, quem mais precisa dos estudos que servem de complemento ao ensino primário geral.

E por assim é, persistimos na denúncia da existência dessas escolas, e lem-

M. C. D.

### Federação Marítima

#### NOTA OFICIOSA

Esta Federação, tendo apreciado a ordem, dianamente do ministério da Guerra para o Marinha, que establece a caução de 1.500 escudos para os marítimos de longo curso poderem embarcar em navios nacionais, exorta estes camaradas a não acatarem tal drástica imposição, que lhes coarta o direito de angariar pela sua profissão os meios de subsistência. A todos os trabalhadores fluviais recomenda também este organismo que se mantêm de atalaias para impedir no momento oportuno que tal monstruosa decisão ministerial vá afectar gravemente os seus camaradas de longo curso. — A Comissão Administrativa.

### Em Barcarena

No próximo domingo realiza-se nesta localidade, promovido pela Associação dos Bombeiros Voluntários Progresso Barcarenses, um bando precatório em favor dos indigentes, devendo incorporar-se no cortejo todas as colectividades locais.

### UM NOVO CRIME

## O ARTISTA JUAN ACHER CONDENADO À MORTE PELOS TORUOS TRIBUNAIS ESPANHÓIS

### UM VIBRANTE APPEL ENDEREÇADO AO PROLETARIADO PORTUGUÊS, PELO C. N. T. DE ESPANHA

A mais tórrua vingança, o maior ódio à vida inspiram ainda à Espanha oficial, imbuida do mais inconcebível ateísmo. A inquisição disfarçou-se e, hoje, aos inquisidores, chamam-se juizes. De quando em vez, o mundo é alarmado com uma decisão brutal dos odiosos tribunais espanhóis. Ontem foi Pedro e Nicolau. Hoje, é Juan Bautista Acher «El Poeta».

O pobre e desventurado artista acabou de ser condenado pelo Tribunal Supremo a morte, por viver um determinado grau de inteligência, de energia, de mocidade, de atitude.

Os juizes diante de Acher, diana desta exuberante mocidade que se prodiga em talento e em nobreza de alma, apenas tiveram uma atitude: a sentença condenatória. Acher estava acima da craveteira humana que os juizes laboraram. E' preciso para viver não só um determinado grau de inteligência, de energia, de mocidade, de atitude, Acher ultrapassou-o.

Os juizes são implacáveis. Não podem. E' não perdoam.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra está despendendo em Espanha um movimento de protesto, na qual colaboram numerosos artistas.

Um dos principais é o C. N. T. de Espanha.

O apelo da C. N. T.

As organizações operárias, grupos anarquistas e todos os homens

O povo espanhol volta a defrontar um caso semelhante ao de Marte e Nicolau.

Agora, foi escolhido pela justiça histórica, um jovem artista, cuja vida ela pretende ceifar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta», foi condenado à pena de morte, pelo tribunal de Barcelona. A sentença condenatória acaba de ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado de morte. Assim o quer a funesta justiça de alguns homens ainda mais funestos que essa justiça. Vão matar um homem. Dentro de vinte e cinco dias, é o que Acher ultrapassou.

Os juizes são implacáveis. Não podem. E' não perdoam.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra está despendendo em Espanha um movimento de protesto, na qual colaboram numerosos artistas.

Um dos principais é o C. N. T. de Espanha.

O apelo da C. N. T.

As organizações operárias, grupos anarquistas e todos os homens

O povo espanhol volta a defrontar um caso semelhante ao de Marte e Nicolau.

Agora, foi escolhido pela justiça histórica, um jovem artista, cuja vida ela pretende ceifar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta», foi condenado à pena de morte, pelo tribunal de Barcelona. A sentença condenatória acaba de ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado de morte. Assim o quer a funesta justiça de alguns homens ainda mais funestos que essa justiça. Vão matar um homem. Dentro de vinte e cinco dias, é o que Acher ultrapassou.

Os juizes são implacáveis. Não podem. E' não perdoam.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra está despendendo em Espanha um movimento de protesto, na qual colaboram numerosos artistas.

Um dos principais é o C. N. T. de Espanha.

O apelo da C. N. T.

As organizações operárias, grupos anarquistas e todos os homens

O povo espanhol volta a defrontar um caso semelhante ao de Marte e Nicolau.

Agora, foi escolhido pela justiça histórica, um jovem artista, cuja vida ela pretende ceifar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta», foi condenado à pena de morte, pelo tribunal de Barcelona. A sentença condenatória acaba de ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado de morte. Assim o quer a funesta justiça de alguns homens ainda mais funestos que essa justiça. Vão matar um homem. Dentro de vinte e cinco dias, é o que Acher ultrapassou.

Os juizes são implacáveis. Não podem. E' não perdoam.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra está despendendo em Espanha um movimento de protesto, na qual colaboram numerosos artistas.

Um dos principais é o C. N. T. de Espanha.

O apelo da C. N. T.

As organizações operárias, grupos anarquistas e todos os homens

O povo espanhol volta a defrontar um caso semelhante ao de Marte e Nicolau.

Agora, foi escolhido pela justiça histórica, um jovem artista, cuja vida ela pretende ceifar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta», foi condenado à pena de morte, pelo tribunal de Barcelona. A sentença condenatória acaba de ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado de morte. Assim o quer a funesta justiça de alguns homens ainda mais funestos que essa justiça. Vão matar um homem. Dentro de vinte e cinco dias, é o que Acher ultrapassou.

Os juizes são implacáveis. Não podem. E' não perdoam.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra está despendendo em Espanha um movimento de protesto, na qual colaboram numerosos artistas.

Um dos principais é o C. N. T. de Espanha.

O apelo da C. N. T.

As organizações operárias, grupos anarquistas e todos os homens

O povo espanhol volta a defrontar um caso semelhante ao de Marte e Nicolau.

Agora, foi escolhido pela justiça histórica, um jovem artista, cuja vida ela pretende ceifar.

Juan Bautista Acher, «El Poeta», foi condenado à pena de morte, pelo tribunal de Barcelona. A sentença condenatória acaba de ser, cruelmente confirmada pelo Supremo Tribunal.

O poeta, o homem, o obreiro do pensamento está ameaçado de morte. Assim o quer a funesta justiça de alguns homens ainda mais funestos que essa justiça. Vão matar um homem. Dentro de vinte e cinco dias, é o que Acher ultrapassou.

Os juizes são implacáveis. Não podem. E' não perdoam.

Acher, condenado à morte em última instância, está perdido irremediavelmente a consciência humana, que está acima de todos os tribunais e de todos os juizes, se não manifestar, reclamando contra a cruel decisão.

Para que Acher não morra está despendendo em Espanha um movimento de protesto, na qual colaboram numerosos artistas.

Um dos principais é o C. N. T. de Espanha.

O apelo da C. N. T.



# Funcionalismo público A BATALHA NA PROVÍNCIA ENOS ARREDORES

Pior que a força dos governos é a sua falta de união — Enquanto se não unir, não poderá vencer

Por mais dumha vez tenho afirmado que a única arma que o funcionalismo tem ao seu dispor para se defender da ganância e criminosidade das sanguessugas de comércio e das arremedades dos políticos, é a União; nem assim tento lograr, de ser ouvidão por aqueles que obrigam tinhão de nem os menos permitirem que a minha conhecida forma de pensar viesse a público, pois que, apesar de tanta vez o ter afirmado e dos factos se encarregarem de demonstrar a razão dessa afirmação, cada vez mais desunido permanece, e, assim, cada vez mais longe vai estando das probabilidades da vitória.

Ainda hó pouco, mercê de mil e um factores que parece para tal se ter conjugado, o funcionalismo público português deu as restantes classes produtoras a prova frisante de quanto é nula a sua preparação para movimentos que embora não envolvendo o bem geral, envolvem no entanto o seu pão e o pão daqueles que lhe são queridos, certo que desse facto se não pode orgulhar nem o governo nem as Juntas de Freguesia, que afrouxando as suas armadas contra a carestia da vida, as acirram contra o funcionalismo, pois que, contrário do que poderiam imaginar, a perda da última greve não quer dizer a perda do movimento associativo de funcionalismo, muito pelo contrário, pois que a derrocada apenas veio demonstrar que, custe o que custar, urge fazer a Federação.

E, agora, estou a ouvir a católica «Epoca» choramingando por julgar da preconizada Federação vai surgir uma nova greve que tenha por fim equivar um contínuo a um director geral e um servente a um engenheiro dos caminhos de ferro, mas não será lá na mesma, não é só de aumentos de vencimentos que a Federação tem de curar, há

Pode é certo o funcionalismo ter fo-

mais e muito mais a fazer, e nesse mais, urge em primeiro lugar, correr com os profissionais de política que em três longos anos de república, tantas provas de incompetência na sua maioria tem dado, e entregar a direcção de cada serviço a indivíduos dos próprios serviços; ou seja já buscar dentro da respectiva classe as criaturas competentes que as devem dirigir, isto, com o fim é claro de evitar o eterno espetáculo de baixos directores gerais eternos ministros e ministros quais diretores gerais.

Muito e muito terá a Federação que fazer, mas há que começar por uma ponta que a leva a desfilar toda a direção, e que é clara que estoire aquela que a antuosa «Epoca» descobriu a falta dum menino Jesus dirigida por «menores» da C. G. T., a falta de vigaristas da igreja e que julgam bem organizada que possa acabar de vez com a igreja e com a política.

O exemplo de José Benedito, exemplo de coragem e carácter, estou certo passará despercebido, entre aqueles que diariamente se choram e lamentam, se assim não passasse, não direi que todos lhe seguiriam o exemplo, desmitindo-se, mas as menos acompanhando, esmolando os portas em porta, não a esmolada que avulta e envergonha, mas o direito à vida, aquele direito que o instinto de conservação amanhã nos fará procurar furiosa e valentemente. Mas falta-nos a educação e escassez-nos a união e sem ela difícil é tentar a luta e mas difícil ainda é vencê-la, e o funcionalismo que parece não querer assim compreender caminha dia a dia a passos agigantados para um campo aberto onde a sua miséria o fará ver claro e sem solisima, que só por ela pode sair da miséria situação em que permanece, e se não, veremos.

Paulo EMILIO

## Lisboa na rua TEATROS & CINEMAS

### Imprudência desastrosa

Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José deu entrada Felicíssimo de Jesus, residente em Peniche, que, tendo ali encontrado uma espoleta e querendo extrair-lhe o seu conteúdo, serviu-se para esse fim de um arame, dando isso origem a que aquela explodisse esfacelando-lhe dois dedos da mão esquerda.

### Identificação de um cadáver

Pelas impressões digitais colhidas no Instituto de Medicina Legal, foi identificado, no posto Antropométrico do Governo Civil, aquele indivíduo que, há dias, foi encontrado caído na rua do Rio Lapa, Chamava-se Cipriano António, filho de José dos Santos e de Mariana Lucia, natural de Lisboa, de 45 anos, solteiro, trabalhador, residente na ruas das Fontainhas, 20, loja.

### Quedas desastrosas

Na enfermaria nº 7, do hospital do Desíerto, deu entrada Bernardo Mendes, residente na rua do Bemposta, 23, 4º, que caiu de um jazigo no cemitério do Alto de São João, ficando contuso pelo corpo.

Na enfermaria C. 2 A. B., do hospital de Santa Marta, den entrada Norberto Soares Gomes, residente na rua de São Bento, 440-A, que deu uma queda na fada de São Bento, ficando contuso pelo corpo.

### Pelo Instituto de Medicina Legal

Neste estabelecimento deu ontem entrada Francisco da Graça, de 3 meses, filho de Eulália da Graça, residente em Alcâns, que ali faleceu sem assistência.

No mesmo estabelecimento também deram entrada Maria do Carmo, de 40 anos, natural de Santarém, criada e residente na Travessa da Bica aos Anjos, 14; um feto encontrado abandonado na rua de Santa Bárbara e um outro com parte do corpo carbonizado, encontrado também abandonado no Parque Eduardo VII.

Trabalhadores: lide e pronagao Sulemento de A Batalha

No Apolo vai hoje à cena o novo quadro «Salon» de Belas Artes, que tem pilhas de graça, e é mais uma afortunada ampliação da inconfundível revista «Fruto Proibido», original dos espírituosos escritores portugueses Ascenção Barros e Abreu e Sousa.

Amanhã realiza-se no Coliseu dos Recreios uma grandiosa «matinée» com um programa surpreendente.

— A companhia Lucília Simões-Erico

zes, que atraídas pelo belo céu e fertilidade da nossa Gália, se acamparam do outro lado do Rheno, sempre prontos a invadi-la.

Há perto de quarenta anos, que se receou na Bretanha um desembarque dos insulares de Inglaterra! muitas legiões, entre as quais se achava a de meu pai, foram mandadas a este país. Durante muitos meses esteve ele de guarnição na cidade de Vannes, não longe de Karnak, o berço da nossa família. Ralf, mandando ler por um amigo as narrações dos nossos antepassados, foi visitar com uma profunda devoção o campo da batalha de Vannes, as pedras sagradas de Karnak, e as terras de que tinhamos sido despojados pela conquista, do tempo de César. Estas terras estavam em poder de uma família romana; colonos, filhos de gauleses bretões da nossa antiga tribo, outrora reduzidos à escravidão, faziam produzir estas terras em proveito daqueles, cujos antepassados os tinham despojado delas. A filha de um daqueles colonos teve inclinação por meu pai e foi correspondida dele. Chamava-se Madalena; era daquelas varonis e altivas gaulesas, de quem nossa avó Margarid mulher de Joel, oferecia o modelo completo. Ela seguiu meu pai quando a sua legião saiu da Bretanha para voltar aqui, às margens do Rheno, onde nasci, no campo fortificado de Mayenza, cidade militar, ocupada pelas nossas tropas. O chefe da legião onde servia meu pai, era filho de um lavrador; a sua coragem dava-lhe a posse de aquele comando. No dia seguinte ao meu nascimento, a mulher deste chefe morria dando à luz uma filha... uma filha... que, talvez, um dia, do interior da sua modesta casa, reine no mundo, como já reina hoje na Gália; porque no momento em que escrevo isto, VITÓRIA, pela justa influência que exerce sobre seu filho Vitorino e sobre o nosso exército, é de facto a imperatriz da Gália.

Vitória é minha irmã coloça; seu pai, ficando viúvo, e apreciando as varonis virtudes de minha mãe pediu-lhe que amamentasse aquela criança por isso fomos criados como se fossemos irmão e irmã; nunca

nos desdissemos desta fraternal afeição. Vitória, desde os seus mais tenros anos, era afável e meiga, posto que gostasse do ruído dos clarins e da vista das armas. Devia ser um dia formosa; mas com aquela austera formosura, misto de serenidade, de graça e de força, peculiar a certas mulheres da Gália. Verás medalhas cunhadas em honra dela na sua primeira cidade, e nas quais é representada qual outra Diana caçadora, tendo um arco numa das mãos e na outra uma flecha. A última medalha cunhada há dois anos, representa Vitória acompanhada de Vitorino seu filho, debaixo das feições de Minerva acompanhada de Marte. Na idade de dez anos, foi mandada por seu pai para um colégio de druidas. Estas, livres da perseguição romana, com a restauração da liberdade nas Galias, educavam crianças, como faziam em eras remotas.

Vitória esteve em companhia daquelas mulheres veneradas, até à idade de quinze anos; bebeu, nos seus patrióticos e severos exemplos, um ardente amor pela pátria, e vastos conhecimentos sobre todas as coisas; saiu daquele colégio instruída nos segredos dos tempos passados, possuindo, segundo dizem, como Veleda e outras druidas, a arte de conhecer o futuro. Nesta época, a viril e altaiva formosura de Vitória era incomparável... Quando ela me tornou a ver, mostrou-se satisfeita testemunhando-a. A sua afeição para comigo, seu irmão coloço, longe de diminuir durante a nossa longa separação, tinha aumentado.

Neste ponto, meu filhinho, quer e devo confessar-te uma coisa; porque tu não lerás isto senão quando tiveres a idade de homem; nessa confissão encontrarás um bom exemplo de coragem e de abnegação.

Quando Vitória voltou, com a sua deslumbrante formosura de quinze anos, eu tinha a sua idade, e apaixonei-me loucamente por ela, posto que fôsse apenas um adolescente; ocultei cuidadosamente este amor, tanto por timidez como pelo respeito que ela me inspirava, apesar da maternal amizade de que me dava provas todos os dias essa jovem que regressava.

nos desdissemos desta fraternal afeição. Vitória, desde os seus mais tenros anos, era afável e meiga, posto que gostasse do ruído dos clarins e da vista das armas. Devia ser um dia formosa; mas com aquela austera formosura, misto de serenidade, de graça e de força, peculiar a certas mulheres da Gália. Verás medalhas cunhadas em honra dela na sua primeira cidade, e nas quais é representada qual outra Diana caçadora, tendo um arco numa das mãos e na outra uma flecha. A última medalha cunhada há dois anos, representa Vitória acompanhada de Vitorino seu filho, debaixo das feições de Minerva acompanhada de Marte. Na idade de dez anos, foi mandada por seu pai para um colégio de druidas. Estas, livres da perseguição romana, com a restauração da liberdade nas Galias, educavam crianças, como faziam em eras remotas.

Vitória esteve em companhia daquelas mulheres

veneradas, até à idade de quinze anos; bebeu, nos seus patrióticos e severos exemplos, um ardente amor pela pátria, e vastos conhecimentos sobre todas as coisas; saiu daquele colégio instruída nos segredos dos tempos passados, possuindo, segundo dizem, como Veleda e outras druidas, a arte de conhecer o futuro. Nesta época, a viril e altaiva formosura de Vitória era incomparável... Quando ela me tornou a ver, mostrou-se satisfeita testemunhando-a. A sua afeição para comigo, seu irmão coloço, longe de diminuir durante a nossa longa separação, tinha aumentado.

Neste ponto, meu filhinho, quer e devo confessar-te uma coisa; porque tu não lerás isto senão quando tiveres a idade de homem; nessa confissão encontrarás um bom exemplo de coragem e de abnegação.

Quando Vitória voltou, com a sua deslumbrante

formosura de quinze anos, eu tinha a sua idade, e

apaixonei-me loucamente por ela, posto que fôsse apenas um adolescente; ocultei cuidadosamente este amor, tanto por timidez como pelo respeito que ela me inspirava, apesar da maternal amizade de que me dava provas todos os dias essa jovem que regressava.

nos desdissemos desta fraternal afeição. Vitória, desde os seus mais tenros anos, era afável e meiga, posto que gostasse do ruído dos clarins e da vista das armas. Devia ser um dia formosa; mas com aquela austera formosura, misto de serenidade, de graça e de força, peculiar a certas mulheres da Gália. Verás medalhas cunhadas em honra dela na sua primeira cidade, e nas quais é representada qual outra Diana caçadora, tendo um arco numa das mãos e na outra uma flecha. A última medalha cunhada há dois anos, representa Vitória acompanhada de Vitorino seu filho, debaixo das feições de Minerva acompanhada de Marte. Na idade de dez anos, foi mandada por seu pai para um colégio de druidas. Estas, livres da perseguição romana, com a restauração da liberdade nas Galias, educavam crianças, como faziam em eras remotas.

Vitória esteve em companhia daquelas mulheres

veneradas, até à idade de quinze anos; bebeu, nos

seus patrióticos e severos exemplos, um ardente amor

pela pátria, e vastos conhecimentos sobre todas as

coisas; saiu daquele colégio instruída nos segredos dos

tempos passados, possuindo, segundo dizem, como

Veleda e outras druidas, a arte de conhecer o futuro.

Nesta época, a viril e altaiva formosura de Vitória era incomparável... Quando ela me tornou a ver,

mostrou-se satisfeita testemunhando-a. A sua afeição

para comigo, seu irmão coloço, longe de diminuir

durante a nossa longa separação, tinha aumentado.

Neste ponto, meu filhinho, quer e devo confessar-te

uma coisa; porque tu não lerás isto senão quando

tiveres a idade de homem; nessa confissão encontrarás

um bom exemplo de coragem e de abnegação.

Quando Vitória voltou, com a sua deslumbrante

formosura de quinze anos, eu tinha a sua idade, e

apaixonei-me loucamente por ela, posto que fôsse

apenas um adolescente; ocultei cuidadosamente este

amor, tanto por timidez como pelo respeito que ela

me inspirava, apesar da maternal amizade de que

me dava provas todos os dias essa jovem que regres-

sava.

nos desdissemos desta fraternal afeição. Vitória, desde os seus mais tenros anos, era afável e meiga, posto que gostasse do ruído dos clarins e da vista das armas. Devia ser um dia formosa; mas com aquela austera formosura, misto de serenidade, de graça e de força, peculiar a certas mulheres da Gália. Verás medalhas cunhadas em honra dela na sua primeira cidade, e nas quais é representada qual outra Diana caçadora, tendo um arco numa das mãos e na outra uma flecha. A última medalha cunhada há dois anos, representa Vitória acompanhada de Vitorino seu filho, debaixo das feições de Minerva acompanhada de Marte. Na idade de dez anos, foi mandada por seu pai para um colégio de druidas. Estas, livres da perseguição romana, com a restauração da liberdade nas Galias, educavam crianças, como faziam em eras remotas.

Vitória esteve em companhia daquelas mulheres

veneradas, até à idade de quinze anos; bebeu, nos

seus patrióticos e severos exemplos, um ardente amor

pela pátria, e vastos conhecimentos sobre todas as

coisas; saiu daquele colégio instruída nos segredos dos

tempos passados, possuindo, segundo dizem, como

Veleda e outras druidas, a arte de conhecer o futuro.

Nesta época, a viril e altaiva formosura de Vitória era incomparável... Quando ela me tornou a ver,

mostrou-se satisfeita testemunhando-a. A sua afeição

para comigo, seu irmão coloço, longe de diminuir

durante a nossa longa separação, tinha aumentado.

Neste ponto, meu filhinho, quer e devo confessar-te

uma coisa; porque tu não lerás isto senão quando

tiveres a idade de homem; nessa confissão encontrarás

um bom exemplo de coragem e de abnegação.

Quando Vitória voltou, com a sua deslumbrante

formosura de quinze anos, eu tinha a sua idade, e

apaixonei-me loucamente por ela, posto que fôsse

apenas um adolescente; ocultei cuidadosamente este

amor, tanto por timidez como pelo respeito que ela

me inspirava, apesar da maternal amizade de que

me dava provas todos os dias essa jovem que regres-

sava.

nos desdissemos desta fraternal afeição. Vitória, desde os seus mais tenros anos, era afável e meiga, posto que gostasse do ruído dos clarins e da vista das armas. Devia ser um dia form

## SECÇÃO DE LIVRARIA

DE

## "A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. E' a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se le.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância; daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente—Encomendas postais até 6 quilos \$500, pacotes até 2 quilos \$45 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$50. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, \$650.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Social Sindicalista.....	\$603 563
Antonelli—A Rússia Soviética.....	2453 36 0
A Comuna: A classe operária.....	653 913
Porque não creio em Deus. O Proletariado Histórico.....	1633 1353
Agência Luxi—O Sindicato e os Intelectuais.....	653 660
Brandt—A greve geral.....	943 950
Bacunino—No sentido em que somos anarquistas.....	553 910
Carlos Rates—A ditadura do capital.....	653 660
Chapellier—Porque não creio em Deus.....	653 660
Chubaca—Como não ser anarquista.....	1607 1620
Sr. Albert—O amor livre.....	4900 5000
Content—Contra o confessionalismo.....	653 655
Dufour—O anarcosocialismo e a propriedade colectiva (2 vols.).....	800 900
Emilio Bossi—Cristo nunca existiu.....	553 600
Ellise Reclus—A evolução social e a anarquia.....	653 640
Elievent—América defesa.....	654 650
Gao Williams—Relatório dos delegados dos I. W. W. no congresso da I. S. V. de Moscou.....	653 670
Gilbert—A questão social no Brasil.....	653 670
G. O. M.—Proscrição consciente.....	653 670
Gustavo Le Bon—As primeiras classes da guerra (2 vols.).....	5903 670
Esboço psicológico da guerra europeia (2 vols.).....	5903 670
Huygen—Ensino dum moralista e corrigido na sua sencimento.....	4903 5000
Educação e Hereditariedade.....	653 670
Hamon—A conferência da Paz e a paz....	4903 5000
Associação da guerra marxista.....	653 670
O movimento operário na Gran-Bretanha.....	4903 5000
Psicologia do socialista-aurista.....	653 670
A Crise do Socialismo.....	653 670

## Pelo correio

	Pelo correio
Henrique Leone. — O Sindicato.....	5103 3150
Heitor Salgado—O Círculo da Imaculada.....	7303 7800
Mentiras e glossas.....	2303 3510
Jean Gravet	
Asociación Popular.....	4003 4800
O Anarquista (2 vols.).....	9103 1010
O Capital e o Sindicato.....	4503 4800
João Bonança.—O Século e o Círculo.....	5003 6100
Justos Ebert.—O I. W. W. (2 vols.).....	6103 6500
Krapotkin—A mocidade.....	653 613
A Arquiela, sua filha e suas duas.....	653 613
A Grande Revolução (2 vols.).....	1603 1820
A moralização da guerra.....	653 620
Os bastidores da guerra.....	653 620
Lazare—A Liberdade.....	653 620
Os Problemas do Poder dos Soviês.....	1603 1820
Landauer	
A Social Democracia na Alemanha.....	653 620
Manuel Ribeiro.—Na Hora da Fogo.....	6103 620
Marx.—O Capital (2 vols.).....	2453 2870
Nest—A Peste Religiosa.....	6103 620
Nietzsche—Anu-Cristo.....	6103 620
Neno Vasco—O Trabalhador.....	4003 5100
Conceição Anarquista do Simbolismo.....	653 620
Novikow—A emancipação da mulher.....	2400 5000
Patatou e Pougal—Como faremos a revolução.....	4003 5000
Perfeto de Carvalho—Notas e comentários.....	4003 5100
Prat—Necessidade de Associação.....	1103 1670
Roland—A Rússia Nova.....	653 6100
Rossi—A sugestão das multas.....	6103 6500
Sebastião Fauro—Domingos de inexistência de Deus.....	2311 2480
Tomás da Fonseca.—Sermões de Montanha.....	6103 620
Notas Contemporâneas.....	9003 1000

## Pelo correio

	Pelo correio
Trotsky.—Constituição Política da República dos Soviês.....	653 680
Um de Nós.—A Caninha.....	1603 1820
Ultimas páginas.....	
Ernesto da Silva.—Teatro lírico e Artística.....	7603 880
Ernesto Haackel	
Historia da Criação.....	1500 1781
O Origen do Homem.....	8800 8890
Os Mundos do Universo.....	1000 1100
Faquet	
Iniciação Filosófica.....	750 840
Iniciação Filosófica.....	750 840
Fabiano de Magalhães	
Problemas escolares.....	4003 4800
Por terras de além mar.....	4003 4800
Flammarion	
Iniciação Astronómica.....	4003 5000
Contos de Lurac.....	4103 5100
O Universo e o mundo.....	6500 7200
Felix Le Dantec	
As influências ancestrais.....	7000 8800
Flávio de Almeida	
Lisboa Galante.....	7000 8800
Escritores da Arte e da Sagade.....	8000 9800
A Esquina.....	8000 9800
Aves Migradoras.....	7000 8800
Barber, pintor.....	7000 8800
Cidade do Vício.....	7000 8800
País das Uvas.....	7000 8800
Quantos.....	7000 8800
Vida Irosca.....	7000 8800
Geckos	
Ozzyabuadas.....	4000 5000
Guerra e Amor (2 vols.).....	8000 9800
As Aventuras de Plassans (2 vols.).....	8000 9800
A Fortuna dos Rougon (2 vols.).....	8000 9800
Uma página de amor.....	6003 703

## Pelo correio

	Pelo correio
O Brasil e as Colônias Portuguesas.....	1400 1480
Cartas Peninsulares.....	1400 1480
Sistema dos mitos e fábrias religiosas.....	1400 1480
Pargame	
Origem da Vida.....	5000 5500
Toutot	
Sociedade de Kreutzer.....	4000 5000
Toulouse—Como se deve educar o espírito.....	4000 5000
Vitor Hugo	
Frances Brígida (2 vols.).....	8000 9800
Novata e triste (2 vols.).....	8000 9800
O Renascimento (2 vols.).....	12000 15200
O Milagreável (2 grossos volumes ilustrados, encadernados).....	10000 11000
Zolot	
Teresa Rangel.....	4000 5000
Alegria de Viver (2 vols.).....	8000 9800
A conquista de Plassans (2 vols.).....	8000 9800
Afortuna dos Rougon (2 vols.).....	8000 9800
Uma página de amor.....	6003 703

## Pelo correio

	Pelo correio
--	--------------

(\*) Obras encadernadas.

(\*\*) Encadernados mais \$500 cada volume.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDÁRIO DE ABRIL

	HOJE O SOL
T. 1	8/15/22/29
Q. 2	9/16/23/30
S. 3	10/17/24/31
S. 4	11/18/25
S. 5	12/19/26
S. 6	1/13/20
S. 7	2/14/21/28

## FASES DA LUA

	HOJE O SOL